

A WRITER'S STORY

THE
STORM FALL

GUSTAVO V.

Copyright © Gustavo V., 2025

Capa: Dayllon Amorim, Gustavo V.

Ilustrações: Gustavo V.

Revisão: Dayllon Amorim, João César, Gustavo V.

Diagramação: Gustavo V.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. É PROIBIDA A REPRODUÇÃO TOTAL E PARCIAL DESTA OBRA, DE QUALQUER FORMA OU POR QUALQUER MEIO ELETRÔNICO, MECÂNICO, INCLUSIVE POR MEIO DE PROCESSOS XEROGRÁFICOS, INCLUINDO AINDA O USO DA INTERNET, SEM PERMISSÃO EXPRESSA DO AUTOR (LEI Nº 9.610 DE 19/02/1998).

ESTA É UMA OBRA DE FICÇÃO. NOMES, RELIGIÃO, PERSONAGENS E ACONTECIMENTOS DESCRITOS SÃO MERAMENTE INSPIRAÇÕES. QUALQUER SEMELHANÇA COM ACONTECIMENTOS REAIS É MERA COINCIDÊNCIA.

OBRA ESCRITA E REVISADA DE ACORDO COM A NOVA ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA. O AUTOR ENTENDE QUE A OBRA DEVE ESTAR NA FORMA CULTA, MAS O ESTILO DE ESCRITA COLOQUIAL FOI MANTIDO PARA APROXIMAR O LEITOR DOS TEMPOS ATUAIS.

V., Gustavo

The Storm Fall / Gustavo V. -- 1.e --

Boa Vista, RR : Ed. do Autor, 2025.

ISBN: 978-65-01-41439-3

1. Ficção Brasileira 2. Suspense - Ficção I. Título

CDD-B869

APRESENTAÇÃO

O livro a seguir é um projeto no qual eu venho trabalhando há quatro anos. Não de forma direta, afinal eu sempre estive ocupado com escola e outras coisas da vida. Mas eu nunca parei de trabalhar mentalmente nessa história, o que resultou em um universo, creio eu, bastante rico. The Storm Fall é apenas o início de tudo, muito mais coisas virão em futuros livros que pretendo finalizar o quanto antes.

Essa obra é meu primeiro projeto, e um sonho no qual eu venho tendo há muito tempo. Há vários acontecimentos que ocorreram em minha vida, e inspirações que tive para escrever. Mas a principal é: Música. Praticamente todas as histórias, ideias, cenas e acontecimentos foram concebidas na minha mente através das músicas.

A arte é algo que eu aprecio muito, e estou dando o primeiro passo em direção a isso com uma história que nunca saiu da minha cabeça. Estaria você, caro leitor, disposto a embarcar nas maluquices provindas de minha mente?

SUMÁRIO

PRÓLOGO	6
CAPÍTULO 1	29
CAPÍTULO 2	58
CAPÍTULO 3	90
CAPÍTULO 4	111
CAPÍTULO 5	132
CAPÍTULO 6	151
CAPÍTULO 7	180
CAPÍTULO 8	214
CAPÍTULO 9	235
CAPÍTULO 10	248
CAPÍTULO 11	271
CAPÍTULO 12	288
CAPÍTULO 13	300

PRÓLOGO

E stava tudo escuro, havia apenas a luz da lua pela janela iluminando o corredor enquanto uma tempestade acontecia lá fora. O tic-tac de um relógio ressoava. Uma criatura magra encontrava-se agachada no fim do corredor. Um garoto ia em direção a criatura. Ele via dois corpos no chão. A criatura olhava para ele sorridente e ia em sua direção.

Uma luz branca surgiu na janela e o cegou por um momento. Abrindo os olhos, ele percebeu que estava caindo. Parecia haver outra pessoa com ele. Ao se aproximarem do chão, ele acordou sozinho em seu quarto. Um pouco suado e nervoso, ele olhou o relógio que marcava 6:10. A luz do sol iluminava vagarosamente o quarto. Após um profundo suspiro, o garoto sentou na cama com a cabeça nos joelhos.

Um silêncio permeava o local, o escuro parecia aconchegante, porém, um som começou a ficar mais alto, a luz da janela ficou mais intensa, conversas podiam ser ouvidas, um sentimento de não estar sozinho começa a surgir no garoto. De repente, uma mão toca seu ombro chamando por seu nome. Ele levantou a cabeça e percebeu que estava na escola. Ele sequer havia percebido que estava ali, pois continuava pensando no sonho que tivera.

— Você tá bem? — perguntou Hudson em pé ao meu lado.

— Tô. O que foi? — falei ainda desorientado levantando minha cabeça da carteira.

— É pra gente ir pra quadra. — disse ele ainda com a mão no meu ombro, seu rosto parecia preocupado.

— Bora indo. — Me pus de pé e comecei a caminhar ao lado de meu amigo.

Seguimos em direção à quadra da escola. Estávamos no segundo andar, teríamos que passar por um corredor até chegarmos às escadas e só então seguir para a quadra. No caminho, puxei assunto com Hudson.

— Cadê o Dayllon? — perguntei ainda coçando os olhos.

— Já deve estar lá. — respondeu ele.

— Cadê o pessoal? — disse enquanto olhava em volta e não via ninguém.

— Lá também. — falou ele com um quê de obviedade.

— Ninguém foi pra sala, não? — tive a impressão de que só havia eu e Hudson naquela sala o tempo todo.

— Foram. A professora veio e chamou todo mundo. Eu fiquei te chamando e cê não escutava. — eu não me lembrava de nada disso. Era como se eu tivesse saído da minha cama direto pra sala. Devia ser o sono.

— E o Dayllon nem me esperou, esse corno? — disse indignado.

— Ele nem apareceu na sala, deve ter ido direto pra lá. Tem certeza que tá bem? — havia um tom de preocupação na voz dele.

— Tô... — Nem eu sabia ao certo se estava.

— Fez a atividade de matemática? — disse ele tentando mudar de assunto.

— Que atividade? Tava estudando pra prova. — respondi com a voz trêmula.

— Que prova? — disse ele com voz de choro.

Finalmente descemos as escadas e começamos a ir para a parte de trás da escola, onde ficava a quadra. Estávamos em silêncio, eu estava pensativo, e para quebrá-lo, Hudson começou a falar.

— A cada dia que se passa, parece que mais fácil, difícil tornar-se-á. — Um jeito complexo de dizer que as coisas ficam mais difíceis com o tempo.

— Enigmático... — disse sem nenhuma pretensão.

— Te comi no parque aquático. — afirmou ele enquanto ria.

— No parque aquático não estamos, você que dá a bunda há vários anos. — Tive o pensamento rápido para responder. — Eu não dormi bem hoje... — Meu tom de voz mudou para algo melancólico.

— Eu fui dormir às 23:00. — disse ele em resposta para tentar mudar o clima.

— Eu umas 22:30 e acordei às 6. — pensei um pouco e resolvi contar a ele — Eu tive aquele sonho de novo... Aquele corredor... Aquele coisa me olhando... Mas dessa vez... Foi diferente... Eu tava... caindo...

— De boca no meu pa- — o interrompi com um soco no ombro.

— Vai tomar no rabo! — bradei com raiva.

— Foi mal! — respondeu ainda rindo.

Chegamos à quadra e Dayllon estava lá. A professora estava nos organizando para jogarmos queimada.

— Opa, bão? — disse Dayllon vindo nos cumprimentar.

— Bão. Vou ficar na arquibancada de novo. — afirmei enquanto apontava para ela.

— Ué, por quê? — ele ficou confuso.

— Não sei jogar queimada. — disse enquanto dava de ombros.

— Ô, besteira. Eu te ensino. — disse cruzando os braços.

— Não tô muito afim. — comecei a caminhar para a arquibancada.

— Se tu for, eu vou. — disse Hudson como se duvidasse de mim.

— Então vamo. — Não queria ser subestimado por ele.

Entrei na quadra e me preparei para jogar. Dayllon começou a dar algumas instruções de como jogar queimada.

— Na queimada, o principal é desviar das bolas. Sabe como fazer isso? — Dayllon perguntava como se eu fosse um imbecil.

— Eu esquivo? — respondi com um tom de voz arrastada.

— Isso, você aperta O pra esquivar. Tenta.

Dayllon pega a bola e a arremessa em minha direção. No momento certo, esquivei para o lado e consegui desviar. Hudson pegou a bola e jogou de volta.

— Boa! É sempre bom esquivar no momento certo, senão eu iria ver pra onde cê foi e te acertaria do mesmo jeito. — Ele ficava jogando a bola pra cima enquanto dizia isso — Tem outra coisa que cê pode fazer também, mas eu já acho meio exagerado.

— O que? — perguntei curioso.

— Se apertar O duas vezes e o direcional, cê pode rolar... Mas sei lá... — ele parou de jogar a bola e a segurou nas mãos. — Pronto?

Dayllon chegou mais perto e arremessou a bola novamente. No momento certo, consegui rolar para longe dele e desviar da bola. Rolar no chão de concreto é um pouco doloroso.

— Pega a bola com Δ ! — gritou Dayllon enquanto Hudson jogava a bola de volta para ele.

Dayllon arremessou a bola em minha direção e consegui agarrá-la com certa dificuldade.

— Agora, cê vai arremessar. — ele fazia os gestos para eu repetir, era engraçado.

— Acho que não tenho força pra isso. — disse enquanto mostrava meus punhos finos e fracos.

— Tenta. Cê vai mirar com L2 e arremessar com R2. — ele parecia confiar muito no meu potencial.

— Tá... — eu não estava muito confiante disso.

Tento mirar, porém ao jogar a bola, ela não passa nem perto de Dayllon. Olhamos quietos enquanto a bola rolava pelo chão da quadra. Fiquei com o rosto inexpressivo apenas pensando no quão ruim eu era.

— Calma, se tiver dificuldade pra mirar, tenta usar o dedo como mira. — disse ele enquanto corria atrás da bola — Aponta pra onde cê quer jogar e se concentra nele como ponto de foco. — apesar de eu estar desapontado comigo, Dayllon ainda se mantinha empenhado em me ajudar.

Mirei novamente, mas dessa vez fazendo o que Dayllon indicou. Apontando o dedo indicador e o usando como mira, arremessei a bola e Dayllon a agarrou.

— É isso. Acho que cê tá pronto. Lembra de não ficar dependendo só do básico. Improvisa, usa a imaginação, combina as coisas, vê no que dá. — ele dava um sorriso de canto de boca, como se estivesse orgulhoso.

— É, acho que tô pronto. — entrei em posição esperando o jogo começar.

— Pega! — Dayllon arremessou a bola em minha direção com toda força que tinha.

Ela passou por mim, mas não consegui pegá-la. Ela acabou caindo para fora da quadra. Eu corri para pegá-la, e uma criatura surgiu do céu de repente como um meteoro afundando o chão onde atingiu, me agarrou e me levantou pelo meu braço esquerdo que acabou sendo furado. Ele falava algo, mas eu não entendia nada.

Uma luz veio do céu e atingiu a criatura. Eu comecei a correr para longe, e todos na quadra também. Um verdadeiro caos começou com todos gritando e correndo.

A criatura começou a matar todos à sua frente indo em minha direção, mas outro ser com asas apareceu e chegou em mim antes dele. Esse ser pôs a mão na minha cabeça e eu desmaiei para trás levantando em seguida em um lugar plano e rochoso. Parecia ser bem alto, meus ouvidos estavam com uma certa pressão.

Olhei em volta meio desnortado e encontrei Dayllon e Hudson desacordados, corri até eles para ver se estavam bem e um homem apareceu em minha frente.

— Finalmente você acordou. Vamos, não temos muito tempo. Tem que acordar os outros. — disse o homem com cabelo cacheado usando uma túnica branca longa com detalhes em amarelo e uma armadura por cima, enquanto andava em volta procurando algo.

— Quem é você?! — questionei extremamente confuso com o que acabara de acontecer.

— Meu nome é Camael, eu sou um anjo do senhor, e estou aqui para ajudar vocês. — suas asas se abriram e emitiram uma aura, eram grandes e pareciam ser translúcidas, além de ter uma textura parecida com vidro. Sua pele possuía runas e seu rosto era andrógono, mas sua voz era grave como um trovão.

— Anjo? Ajudar em quê? O que tá acontecendo? — minha testa estava franzida e eu não sabia que cara fazer.

— Escute, não tenho tempo para explicar... As outras podem explicar isso para você. Tudo o que você precisa saber agora é que eu vou mandar vocês para uma floresta, e lá você se encontrará com outras pessoas, e juntos têm que encontrar um baú que contém algumas armas, mas principalmente a Lâmina dos Céus. Encontre-a e eu os trarei de volta. — explicou com um tom de voz urgente.

— Meu Deus, o que tá acontecendo? — respirei ofegante enquanto olhava em volta desnortado.

Camael segurou meu braço e viu que estava ferido, então ele aproximou a mão do meu peito que começou a brilhar. Senti uma pontada

no meu coração e a ferida começou a cicatrizar. Camael foi até Dayllon e Hudson e fez o mesmo com eles.

— Espera aí, e que bicho era aquele que apareceu na escola? — perguntei a fim de ter pelo menos uma dúvida respondida.

— Aquele era um demônio. Ele diz ser *Hal Buruk*. Ele parece impenetrável... Mas como? — Camael falava consigo mesmo.

— Como assim?! — Eu ficava cada vez mais confuso com o que saía da boca desse tal anjo.

— Ele não pode ser morto ou expurgado. — Ele parecia tão confuso quanto eu nesse sentido.

O céu começou a se fechar de nuvens e em segundos tudo ficou cinza. Os ventos eram bastante fortes e parecia que iria acontecer uma tempestade em segundos.

— Vocês têm que ir, AGORA. — a voz de Camael indicava muita urgência.

— Espera, eu ainda não tô entendendo nada! — eu não podia ir embora sem saber o que estava acontecendo direito.

Camael então pôs a mão novamente em minha cabeça e eu caí sentado no chão em uma floresta escura. Dayllon e Hudson finalmente acordaram.

— Onde eu tô? — Dayllon se levantava lentamente.

— Ai, meu peito... — Hudson murmurava de dor com a mão no peito e mal conseguia se levantar.

— Finalmente cês acordaram. — respirei aliviado por um instante.

— Por que a gente tá numa floresta?! — Dayllon mal conseguia ficar de pé também.

— Que praga tá acontecendo? — indagou Hudson ao notar o ambiente.

— Eu não sei direito... Tudo que eu sei é que a gente tem que ir atrás de um baú... — Tentei sanar as dúvidas que eu mesmo tinha.

— Baú? A gente tem que caçar um tesouro? — disse Hudson se pondo de pé ainda com a mão no peito.

— Como a gente veio parar aqui? Cê tá acordado a mais tempo que a gente. — Dayllon me perguntava na esperança de uma resposta com sentido.

— Eu... Um anjo... Eu não sei explicar. — Infelizmente eu não tive essa resposta.

— Tô me sentindo meio quente... disse Hudson apertando as mãos.

De repente, um som alto veio da floresta, um grito agonizante, que nos pôs em alerta.

— A gente tem que sair daqui. — falou Hudson dando passos para trás.

— Eu não vou conseguir correr tão rápido quanto vocês. — disse eu com medo de ficar para trás.

— A gente tem que tentar do mesmo jeito, bora! — gritou Dayllon tentando me encorajar.

Começamos a correr, e o grito parecia chegar cada vez mais perto. Ao olhar para trás, vi uma criatura magra e alta correndo atrás de nós. O desespero tomou conta e eu não consegui correr direito. Acabei ficando para trás e a criatura conseguiu me alcançar, mas com o impacto, fui arremessado para frente.

Hudson rapidamente voltou, e por reflexo, levantou suas mãos em direção a criatura, suas íris ficaram avermelhadas, seus braços começaram a esquentar e com o aproximar da criatura, Hudson lançou chamas por seus punhos, o que afastou a criatura.

— PUTA MERDA! Como cê fez isso?! — berrei enquanto Dayllon me ajudava a levantar e voltamos a correr.

— Eu sei lá, eu só fiz. — respondeu Hudson ainda olhando para suas mãos quentes.

— Cacete, isso foi insano! — falou Dayllon com os olhos arregalados.

Continuamos correndo até que esbarramos em outras três pessoas. Cada um se chocou com o outro, formando pares caídos no chão.

— Gustavo! Te achei. — gritou uma garota com cabelo branco.

— Quem é você, porra? — gritei de volta ainda mais confuso.

— Sou eu, Carol! — respondeu ela com a pronúncia do nome em inglês e um sorriso aberto.

— Eu deveria te conhecer? — ela dizia como se esse nome significasse algo para mim.

— Acho que sim. — ela parecia confusa também — Foi o que me disseram.

— Vocês podem conversar depois, mas é melhor a gente continuar correndo. — disse Dayllon cortando nossa conversa.

Então voltamos a correr todos juntos pela floresta escura sem saber o rumo, apenas fugindo dos sons da criatura, até cansarmos.

— Chega, chega... Acho que já despistamos aquela coisa... — falei de forma ofegante enquanto me apoiava nos meus joelhos.

— Ok, que tal esclarecermos algumas coisas agora? — disse uma garota com uma cara de marrenta.

— A gente pode começar se apresentando... Meu nome é Dayllon, esse é o Hudson... — ele apontava para os nomes ditos.

— Imagino que vocês já me conheçam... — falei erguendo os ombros e as mãos.

— Bom... Eu sou Carol, essa é a Laura. — ela apontava para os nomes ditos.

— Oi... — disse a garota com cara de marrenta usando uma voz tímida.

— E essa é a Ana. — apontou para a garota que usava uma boina. Ela apenas acenou com a mão e um olhar baixo.

— Como cê sabia meu nome? — questionei-a assim que terminou de falar.

— Uh... — Carol pensava um pouco tentando se lembrar — Foi o anjo que me falou. Disse pra eu encontrar vocês.

— Ele também falou pra eu encontrar vocês — repliquei.

— Pera, que? Anjo? — perguntou Dayllon.

— Não me pergunta nada, eu tô tão confuso quanto você. — respondi.



— Camael... Ele me pediu que eu explicasse o que tá acontecendo pra vocês. Como eu explico isso...? Bom... Não tem outra forma... Meio que tem um demônio tentando matar a gente... — tentava explicar Carol

— "*Hal Buruk*", né? — complementei.

— Esse nome aí mesmo. — disse ela balançando a cabeça.

— Então quer dizer que existem anjos e demônios? — perguntou Laura incrédula.

— É... Isso aí mesmo. — dissemos Carol e eu.

— Depois do que aconteceu hoje, eu já não duvido mais... — falou Laura respirando fundo.

— E por que esse... "Hal" tá tentando matar a gente? E por que a gente tá aqui? — perguntou Ana

— Parece que... Eu não sei explicar muito bem, mas parece que a gente é uma grande ameaça pra ele. — respondeu Carol.

— A gente? — perguntou Ana — Ameaça? — Completou Hudson.

— Olha... Eu também não tô entendendo direito o que tá acontecendo... Só sei que temos que ir atrás de um baú com umas armas pra poder sair daqui... — disse Carol e lembrei que Camael havia me falado isso.

— Nós somos uma ameaça por causa disso? — Hudson cerrou seus punhos, suas íris ficaram vermelhas, e quando abriu a mão saíram chamas novamente.

— Quando foi que cê aprendeu a usar ele? — perguntou Carol.

— Agora... — respondeu Hudson apagando o fogo de suas mãos.

— Sério? Eu também! — disse Carol animada enquanto suas íris ficavam roxas e uma onda de ventos a rodeava instantaneamente fazendo seu cabelo flutuar.

— Eu já tinha me esquecido disso... — disse Dayllon com uma voz cansada.

— Como vocês fazem isso? — perguntou Laura com as sobrancelhas franzidas.

— Eu não faço ideia, eu só faço. — respondeu Hudson.

— É como se fosse só mais um ato normal... Como respirar. — disse Carol fazendo suas íris voltarem a cor natural.

— Uau... Então... A gente também tem poderes? Como... Faz... Pra usar? — perguntei enquanto gesticulava com as mãos tentando fazer algo sair.

— Cê ainda não aprendeu o seu? — perguntou Carol virando a cabeça.

— O que tá acontecendo...? Isso só pode ser um sonho... Eu tô sonhando... É isso. — disse Laura um pouco afastada e rindo de nervosa. Ela fechou os olhos com força, abriu os braços e dobrou os joelhos — Eu vou acordar agora! Agora...! — Ela abriu um dos olhos e viu que ainda estávamos olhando para ela.

— Eu acho que isso é bem real... — disse Dayllon aproximando seu rosto com o dela.

— Shhh! Tô quase acordando... — ela voltou a fechar os olhos

— A gente não tinha que ir atrás de um baú? — perguntou Ana ignorando Laura.

— Sim, eu lembro de o Camael ter citado um ogro... — disse Carol com a mão no queixo.

— Carol... Como você sabia que EU era o Gustavo? — perguntei sem pestanejar

— Eu não sabia. — disse Carol enquanto dava de ombros.

Permaneci em silêncio ainda confuso, e antes de perguntar, escutamos um barulho de corrente sendo arrastada. Seguimos o som agachados e vimos o Ogro que Carol havia citado. As correntes estavam em volta do ogro e também em volta de um grande baú em suas costas.

— Esse é o baú? — perguntei com a voz trêmula.

— Acho que sim... É o único que eu vi até agora. — respondeu Carol apertando os olhos.

— Como a gente vai fazer isso? Esse bicho é enorme! — disse Laura com sua testa franzida.

— Ele parece bastante ferido... Talvez a gente possa... Matar ele. — sugeriu Dayllon analisando o Ogro.

— Tá querendo que a gente lute com ele?! — falei em tom alto aproximando meu rosto de Dayllon.

— É uma boa ideia, ele parece bem fraco... — disse Carol — Se eu pelo menos tivesse meu arco... — ela abaixou a cabeça triste.

— Isso é maluquice, a gente nunca... Fez isso antes. — falei de forma relutante.

— Tem uma primeira vez pra tudo, né? — Hudson falou com um sorriso de canto de boca, como se isso fosse me convencer.

— Cês tudo tão confiante só por causa desses poderes, né? — desdenhou Ana.

— Se eu tivesse, também estaria... — disse Laura se levantando.

— Olha, a gente pode tentar distrair esse Ogro, enquanto o Hudson... Sei lá, queima ele. — disse Dayllon tentando bolar um plano.

— O churrasco vai vir cedo hoje. — satirizou Hudson.

— Certo... Vamos? — perguntou Ana sem confiança alguma.

— Merda... Vamos. — respondi com a mesma quantidade de confiança.

Então corremos em direção ao Ogro chamando a atenção dele, enquanto Hudson e Carol foram para trás dele para tentar matá-lo. Conseguimos distraí-lo, e quando Hudson iria atacar, o Ogro soltou o baú das costas, segurou na corrente e começou a girar o baú.

— CORRE! — gritou Dayllon.

Tentamos nos afastar, mas o baú veio rapidamente em mim, e eu acabei sendo acertado por ele, e sendo jogado para cima do baú. Me segurei lá em cima enquanto o baú girava.

— Eu vou vomitar... — disse enjoado botando uma das mãos na boca.





Quando retornei a mão para o baú, ela ficou aberta por cima dele, e uma luz veio lá de dentro. Eu olhei para aquilo, e o Ogro bateu o baú em uma árvore, o que fez eu ser arremessado para longe.

Ana veio na minha direção para me ajudar, e eu abri a mão de novo. A luz no baú voltou a aparecer, e de repente, algo destruiu o baú de dentro pra fora e veio rapidamente em minha direção. Com os olhos fechados, ouvi um som de gelo quebrando.

Ao abrir os olhos, Ana estava na minha frente, com suas íris brilhando em azul, com uma barreira de gelo que veio de suas mãos, assim como as chamas de Hudson. E na barreira, uma espada grande encravada no gelo.

— Uau... É essa a espada?! — perguntou Ana com os olhos arregalados.

— Acho que sim. Cê tem poderes! — gritei com uma cara surpresa

— Tô vendo! Isso é incrível! — disse ela soltando uma risada sincera.

— Nossa... Ela é muito leve... — falei após pegar a espada da barreira.

O Ogro furioso gritou e um tipo de bainha e as outras armas que estavam no baú caíram no chão. Carol pegou o Arco sem flechas e uma luva, Hudson um Machado com formato estranho, Dayllon uma Katana completamente preta com detalhes em azul e Ana uma agulha com um fio longo.

— Nenhuma pra mim, É SÉRIO?! — gritou Laura indignada olhando para o chão vazio.

Começamos a batalhar contra o ogro, ele usando os restos do baú para tentar nos acertar, e nós utilizando as novas armas que acabamos de adquirir. Sem experiência alguma, apenas nos esquivávamos de seus ataques, a única que verdadeiramente atacava era Carol lançando flechas geradas pela luva.

Ela atacava com maestria, parecia ser bem experiente no quesito arquearia, e até como se portar em uma batalha. Por diversas vezes, tentei atacar, mas não tive muito sucesso, pois não fazia ideia de como balançar uma espada.

Em um momento, ele avançou com tudo contra nós em uma investida, mas Laura conseguiu segurá-lo com suas mãos, enquanto seus olhos brilhavam em verde. Dayllon e Hudson aproveitaram isso para cortar os joelhos do Ogro. A criatura caiu no chão completamente incapacitada de andar, e aparentava ter desistido de lutar.

— A gente... Vai matar ele? — perguntou Ana sentindo pena da criatura.

— Pessoal? — perguntei olhando para todos com as sobrancelhas franzidas.

— Ele tentou matar a gente! — bradou Laura.

— Tem razão... Mas, a gente deveria fazer isso? — fiz o questionamento para todos.

— Ele já está imobilizado... — disse Carol se afastando com o rosto preocupado

— Mas ele vai ficar sofrendo aqui? Já tá todo machucado. — perguntou Ana nos fazendo entrar em um dilema. Enquanto isso, a criatura pareceu emitir sons como grunhidos.

— Será que ele tá tentando falar com a gente? — perguntou Hudson. Quando tentei entender os sons que o Ogro fazia, notei que em seus olhos havia lágrimas.

— Que merda que a gente fez? — perguntei enquanto meus olhos marejaram.

— Talvez seja melhor não deixar ele sofrendo... — disse Carol retornando.

— É... — disse Dayllon a contra gosto.

Então Carol pegou uma faca que ficava escondida em sua bota e cravou ela na cabeça do Ogro. Todos ficamos em silêncio, pensando sobre o que acabou de acontecer, se aquilo havia mesmo sido necessário. Escutamos um barulho estranho, atrás de nós surgiu um portal.

— Acho que... É a nossa saída daqui... O Camael falou de algo assim... — disse de forma cabisbaixa.

— Vamos... Sair daqui... — disse Carol limpando e guardando sua faca novamente.

— Eu não quero mais ficar aqui... — disse Laura triste.

Eu peguei a bainha que havia caído do baú e a coloquei debaixo da minha jaqueta, a espada grudava nela como um ímã nas minhas costas. Antes de atravessar o portal escutei um grito e senti um arrepio, então decidi entrar logo no portal, e ao atravessar, voltamos para aquele lugar plano.

— Ótimo, vocês encontraram a espada. — disse Camael sem nem perguntar como estávamos.

— Esse é o anjo? — perguntou Ana sussurrando para mim e assenti com a cabeça.

— Por que tinha um ogro usando o baú como arma? Isso não ia acabar quebrando o baú? — Hudson lançou suas dúvidas ao anjo.

— Ogro? Havia criaturas lá? — devolveu a pergunta.

— Pelo menos umas duas, esse ogro e um bicho todo magrelo e bizarro. — disse Laura enquanto gesticulava com as mãos.

— Tem algo errado... Não era para ter nada lá. — disse Camael franzindo as sobrancelhas.

— Olha... Pra que você quer tanto essa espada?! — perguntei impaciente.

— Essa é a Lâmina dos Céus. Eu pedi que vocês a encontrassem pois ela é a única coisa capaz de juntar os fragmentos da *Joia do Éden* novamente. — quando eu ia perguntar, Camael levantou a mão e disse — Antes que me perguntem, essa *Joia* tem poder suficiente para expurgar *Hal Buruk* desta terra. Eu não consegui o fazer, então talvez um poder acima do meu consiga.

— Por que você mesmo não foi pegar essa porra dessa espada? — Carol me olhava com um olhar de repreensão pelo palavrão.

— É uma história muito longa para o pouco tempo que temos, vou ser o mais breve possível. — Camael então começou a contar — Quando Deus criou os humanos, muitos anjos foram contra isso. O mais próximo de Deus, Samael, tentou tomar o trono de Deus. Com isso, uma guerra foi travada.

Os apoiadores de Samael tentaram utilizar da *Joia do Éden* para aumentar o seu poder, mas nós conseguimos evitar que isso acontecesse quando fragmentamos a *Joia* em treze pedaços e os espalhamos pelo espaço-tempo. Algumas armas haviam sido forjadas para serem catalisadores da *Joia*. Elas poderiam reter os fragmentos e remontá-la.

Porém, para maior segurança, as guardamos em um baú, seladas em um lugar fora da realidade. Talvez não tenha sido uma boa ideia... *Hal Buruk* conseguiu entrar lá. Com isso, a regra de que anjos não poderiam transitar pelo tempo foi criada.

Samael e seus aliados perderam a guerra e foram expulsos dos Céus. Acredito que *Hal* estivesse em busca desse poder para conseguir ajudar Samael. É a única explicação para ele estar lá... Será que isso tem a ver com as criaturas lá? — Camael falava consigo.

— Tá, tá... Anjos, demônios, poder... Beleza, mas o que a gente tem a ver com isso? — perguntei.

— Vocês servem aos Céus, portanto ordeno a vocês irem atrás dos fragmentos e reuni-los para derrotar *Hal Buruk*. Ele estava atrás de vocês, então imagino que estejam perto. — disse Camael

— Perto de ter um colapso mental, isso sim. — completou Carol.

— Então você tá pedindo pra CRIANÇAS juntarem uma pedrinha mágica através do espaço-tempo pra matar um fodendo DEMÔNIO?! — berrou Laura indignada com a situação.

— Eu estou mandando. — respondeu Camael com uma voz séria.

Antes de falarmos algo, o lugar onde estávamos subitamente começou a estremecer.

— Eu já falei demais, peguem isso. — disse Camael entregando um relógio para Hudson.

— O que que é isso? — perguntou ele quase rejeitando-o.

— Nós o chamamos de *O Localizador*. Este, infelizmente, está com defeito, mas é isso que levará vocês até os fragmentos. — respondeu Camael.

— Se tá com defeito, como a gente vai usar? — perguntou Hudson.

— Não se preocupem, vai dar certo. Ele guiará vocês até os fragmentos. Encontre-os, colete-os com a *Lâmina dos Céus* e depois voltem para este dia de hoje. *Hal Buruk* quer destruir este planeta, se não o pararmos logo, ele conseguirá... Eu vou impedi-lo o máximo que puder. Agora, vão. — ordenou Camael empunhando uma espada.

Hal Buruk apareceu ao longe, correndo de forma animalesca como um ser quadrúpede e com um olhar furioso.

— Cuidado para não ficarem distantes uns dos outros ao usá-lo. — alertou Camael enquanto *Hal Buruk* se aproximava mais. — Haja o que houver, não usem a Joia, pois ela desintegrará suas almas.

Hudson apertou um botão, e várias luzes se conduziram entre nós até sermos teletransportados.

